

A SEXUALIDADE FEMININA EM *BAUBO: LA VULVE MYTHIQUE* DE GEORGES DEVEREUX

Maria Luiza Tegoni Oliveira (PIC/UEM), Eliane Domingues (Orientadora), e-mail: mlt_oliveira@outlook.com

Universidade Estadual de Maringá / CCH-DPI – Departamento de Psicologia/Maringá, PR.

Ciências Humanas - Psicologia

Palavras-chave: Etnopsicanálise, Sexualidade feminina, Psicanálise

Resumo:

No presente trabalho apresentamos o estudo da obra *Baubo: la vulve mythique*, texto helenista de Goerges Devereux cujo objetivo é compreender o significado do gesto consolador de Baubo a Deméter, enlutada pela perda de sua filha, valendo-se de versões do mito em diferentes culturas para tal. Nesse trabalho buscamos identificar as contribuições de Devereux para o tema da sexualidade feminina, além de identificar os pontos em que Devereux se aproxima e se afasta da obra de Freud em relação ao tema. Para tal, foi realizada a leitura e tradução da obra de Devereux, focando na forma com que o tema é abordado e as reflexões trazidas pelo autor. Por fim, comparamos a visão de Devereux sobre a sexualidade feminina com o que é trazido por Freud, revelando o lugar de complementariedade dos órgãos sexuais apresentado por Devereux, embora essa posição não seja livre de críticas.

Introdução

Georges Devereux (1908 – 1985) ficou conhecido como fundador da etnopsicanálise, disciplina que une os conhecimentos da psicanálise e da antropologia, articulando-os para a compreensão dos fenômenos humanos. Os trabalhos do autor são fundamentados na obra de Freud, sendo que Devereux se define em diversos momentos como um freudiano ortodoxo, estando de acordo com as proposições maiores de Freud, no entanto, discorda de certas concepções que considera menores.

Nesta pesquisa, nos dedicaremos ao estudo da obra *Baubo: la vulve mythique* (1983/2011), com o objetivo inicial de identificar as contribuições do autor para a problemática da sexualidade feminina, assim como as aproximações e divergências em relação à obra freudiana no que diz respeito a temática. Segundo Devereux esse livro objetiva esclarecer o simbolismo dos órgãos sexuais femininos e dar à vulva um lugar na vivência individual da mulher, uma vez que o pênis/falo assume destaque absoluto e centralidade na psicanálise freudiana e pouco se fala da vulva. A obra em

questão se pauta no mito grego de Baubo, a vulva personificada, que exhibe a genitália à deusa Deméter enlutada pelo sequestro da filha, usando em sua análise alguns equivalentes do mito de Baubo em diferentes culturas (PERIÁÑEZ, 2007).

Retomando Freud, observamos que a questão da sexualidade feminina está desde o início de sua teorização, uma vez que foi a escuta de pacientes histéricas que possibilitou avanços no tratamento e na elaboração da teoria psicanalítica, porém, a obra freudiana é alvo de críticas a respeito da sexualidade feminina. Um dos motivos para tais críticas é que Freud limita as possibilidades de expressão de subjetividade ao modelo edípico, em que o Édipo feminino é descrito a partir do masculino. Isso foi a fonte de questionamentos de como um autor como Freud, inovador para seu período, pode ter sido tão conservador ao abordar a sexualidade feminina, rendendo-se à falocracia da época, responsável pelo silenciamento de tantas mulheres (MOLINA, 2011).

Quanto ao desenvolvimento da sexualidade infantil, as primeiras fases não são diferenciadas entre os sexos, porém, quando Freud (1923/2011) descreve a fase fálica, a sexualidade masculina é tomada como modelo para descrever a feminina. A fase fálica é caracterizada pelo reconhecimento de apenas um órgão sexual, o masculino, só o pênis/falo aparece em sua positividade, a vagina/vulva é a falta, a ausência, daí a primazia do falo. Freud (1931/2010) descreve o desenvolvimento da sexualidade feminina em duas fases, em que a primeira é masculina e focada no clitóris, e a segunda de caráter especificamente feminino e com destaque para a vagina, sendo que durante a primeira fase a vagina não era conhecida por nenhum dos sexos. Assim, observamos na obra de Freud a existência de uma mulher castrada, a qual falta algo.

O presente trabalho, em primeiro momento, abordará o mito de Deméter e Baubo como apresentado por Devereux (1983/2011), que descreve como Baubo, a vulva personificada, auxilia a deusa Deméter a superar o luto pela perda da filha Perséfone quando exhibe sua vulva à deusa, fazendo-a rir. Além disso, traremos interpretações e observações feitas pelo autor e os exemplos de outros mitos que contêm a exibição da vulva em outras culturas. Na sequência, serão apresentadas nossas análises e interpretações quanto ao apresentado na obra sobre a exibição da vulva.

Materiais e métodos

A metodologia escolhida foi a de pesquisa teórica, qualificada por ter a própria teoria como problema de estudo e, assim, buscamos analisar aspectos dessa mesma teoria, que será utilizado como base explicativa para o problema que deverá ser estudado (LUNA, 1997). Para a execução dessa pesquisa, foram selecionados alguns textos para serem estudados, além de *Baubo: La vulve mythique* de Devereux, sendo eles algumas obras de Freud: *Sobre a sexualidade feminina*, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, *Novas conferências introdutórias à psicanálise* e *A organização genital*

infantil. Ademais, também foram utilizados textos para ampliar o entendimento da temática da sexualidade feminina nas teorias de Devereux e Freud, além de textos sobre a relação entre a teoria psicanalítica em si e a mitologia, em especial a grega.

Resultados e Discussão

Identificamos no texto que Devereux (1983/2011) a vulva sem ser submetida ao falo, de forma que o autor defende a reciprocidade entre o pênis e a vagina. Uma característica do lugar que se encontra o feminino nessa obra de Devereux (1983/2011) é que o autor foca no órgão sexual em si, dando à vulva um lugar na teoria psicanalítica de status igual ao do pênis, sendo que, de acordo com Periañez (2007), há uma equivalência entre os órgãos. Assim, a impressão que se tem, ainda segundo Periañez (2007), é que Devereux instala, com Baubo, uma reverência simétrica à reverência ao pênis para a vulva e vagina, uma dialética de complementaridade e diferenciação entre mulheres e homens. Contudo, mesmo que Devereux enxergue a vulva como equiparada ao pênis, ela ainda é complementar a ele, fazendo com que os órgãos não sejam completos em si, mas na interação um com o outro.

Porém, a crítica que se mantém a Devereux (1983/2011) é a forma com que ele constrói sua análise dos genitais de forma que valida apenas relações heterossexuais como capazes de experimentar completamente o componente narcísico do prazer sexual. Dessa forma, o autor constrói sua análise de uma forma que dá à vulva o caráter de equivalente ao pênis, sem se limitar à falocracia, como faz Freud, porém, os genitais femininos e masculinos são postos como complementares um do outro. Assim, ao mesmo tempo que Devereux dá à vulva um lugar na vivência individual da mulher, ele também limita sua experiência de sexualidade plena a relações heterossexuais.

Conclusões

A problemática da sexualidade feminina aparece como ponto de origem e de constante retorno na psicanálise (CARDOSO, 2019). Freud inaugurou a psicanálise por meio dos estudos das mulheres histéricas e, embora tenha começado as explicações dos fenômenos psíquicos dispensando rotulações baseadas somente em quadros sintomáticos, ele reduziu as possibilidades de expressão de subjetividades ao sugerir uma estrutura dentro de uma tramitação edípica, descrevendo o complexo de Édipo feminino a partir do masculino. Dessa forma, as críticas ao autor se dão pela forma conservadora que ele abordou a sexualidade feminina, ficando restrito à falocracia de seu tempo (MOLINA, 2011).

Em primeira leitura, Devereux (1983/2011) parece romper com a falocracia de Freud, apresentando a vulva pela vulva, retirando a

centralidade do falo e trazendo os órgãos como complementares. Assim, enquanto a obra de Freud apresenta uma mulher castrada, marcada pela falta, Devereux traz uma mulher complementar ao homem e homem complementar a mulher. Contudo, a visão da vulva nessa obra de Devereux ainda é capaz de causar pavor ao homem, visto que ela remete a possibilidade da castração masculina. Além disso, embora a vulva seja vista como positiva, o clitóris ainda é pensado como um pequeno falo.

Porém, apesar de apesar da análise do feminino de Devereux (1983/2011) dar abertura para uma nova forma de pensar a subjetividade feminina, ele ainda limita suas formas de expressão sexual ao afirmar a complementariedade dos órgãos sexuais femininos e masculinos, validando apenas relações heterossexuais enquanto completas.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a minha orientadora Eliane Domingues, por me oferecer essa pesquisa e pela ajuda durante sua realização. Agradeço também o apoio da minha família por sempre ter me dado oportunidades de estudo e crescimento na área que escolhi para atuar.

Referências

CARDOSO, M. C. R. **A sexualidade feminina em "Mulher e Mito" de Georges Devereux**. 2019. 35 f. Relatório final (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

DEVEREUX, G. **Baubo**: La vulve mythique. [S. l.]: Éditions Payot & Rivages, 2011.

FREUD, S. A organização genital infantil (1923). In: _____. **O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 150-157.

FREUD, S. Sobre a sexualidade feminina. *In*: FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18, cap. 5, p. 371 - 398.

LUNA, S. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: Educ, 1997.

MOLINA, J. A. **O que Freud dizia sobre as mulheres**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

PERIÁÑEZ, M. Ce sexe qui en devient un. **Le Coq-héron**, n. 190, p. 85-101, 2007. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-le-coq-heron-2007-3-page-85.htm>> Acesso em: 07 de abr. 2020.